

EXPLORAÇÕES PSICANALÍTICAS

# D.W. WINNICOTT

---

CLARE WINNICOTT  
RAY SHEPHERD  
MADELEINE DAVIS  
Organizadores

0,90

**Tradução:**

JOSÉ OCTAVIO DE AGUIAR ABREU

**Consultoria, Supervisão e Revisão Técnica da Tradução:**

JOSÉ OTTONI OUTEIRAL  
ROBERTO BARBERENA GRAÑA  
ADRIANE KIPERMAN  
BERENICE PONTES NETTO



**ARTES  
MÉDICAS**

Porto Alegre / 1994

# 11

---

## O Destino do Objeto Transicional

*Preparação para uma palestra proferida perante a Associação de Psicologia e Psiquiatria Infantil, de Glasgow, em 5 de dezembro de 1959*

Embora muitos de vocês já estejam muito familiarizados com o que eu já falei a respeito de objetos transicionais, gostaria, primeiramente, de reenunciar a visão que tenho deles e, depois, passar para o meu tema principal, que é a questão de seu destino. Aqui temos, então, um enunciado da maneira pela qual os objetos transicionais me parecem ter importância. Eles me parecem achar-se em várias linhas de transição. Uma delas tem a ver com os relacionamentos objetivos; o bebê coloca o punho na boca, depois o polegar, e, depois, há uma mistura do uso do polegar ou dos dedos, e de algum objeto que é escolhido pelo bebê para manejar. Gradualmente há um uso de objetos que não fazem parte do bebê, mas tampouco fazem parte da mãe.

Outro tipo de transição tem a ver com a mudança de um objeto — que é subjetivo para o bebê — para outro, que é objetivamente percebido ou externo. A princípio, qualquer objeto que conquiste um relacionamento com o bebê é criado por este, ou pelo menos, esta é uma teoria sobre o assunto que tem a minha adesão. Assemelha-se a uma alucinação. Faz-se um pouco de trapaça e um objeto que se encontra à mão sobrepõe-se parcialmente a uma alucinação. Obviamente, a maneira pela qual a mãe ou o substituto dela se comporta é de importância suprema aqui. Uma mãe é boa e outra é má em deixarem um objeto real ficar exatamente onde o bebê está alucinando um objeto, de maneira que, na realidade, a criança fica com a ilusão de que o mundo pode ser criado e de que o que é criado é o mundo.

Neste ponto, vocês estarão pensando no termo *realização simbólica*, de Mme. Sechehaye<sup>1</sup>, no tornar real o símbolo, apenas que, desde nosso ponto de vista, que trata da primeiríssima infância, estamos pensando em tornar real a alucinação. Isto, com efeito, dá início à capacidade que o bebê tem de utilizar símbolos, e, onde o crescimento é constante, o objeto transicional é o primeiro símbolo. Aqui o símbolo é, ao mesmo tempo, tanto a alucinação quanto uma parte objetivamente percebida da realidade externa.

Disto tudo, ver-se-á que estamos descrevendo a vida de um bebê que significa também o relacionamento do meio ambiente, através da mãe ou do substituto desta para o bebê. Estamos falando a respeito de um "par que cuida", para usar a expressão

1. M. A. Sechehaye, *Symbolic Realization* (New York, International Universities Press, 1951).

de Merrill Middlemore<sup>2</sup>. Estamos nos referindo ao fato de não existir uma coisa chamada bebê, porque, quando vemos um bebê neste estágio inicial, sabemos que com ele encontraremos o cuidado infantil com o bebê, como parte desta função.

Esta maneira de enunciar o significado do objeto transicional torna necessário que empreguemos a palavra *ilusão*. A mãe está capacitando o bebê a ter a ilusão de que objetos da realidade externa podem ser reais para ele, isto é, que eles podem ser alucinações, uma vez que são apenas estas que são sentidas como reais. Se se quer que um objeto externo pareça real, então o relacionamento com ele tem de ser o relacionamento que se tem com uma alucinação. Como prontamente concordarão, isto faz explodir um antigo enigma filosófico, e estarão pensando nos dois *limericks*<sup>\*</sup>, um deles da autoria de Ronald Knox:

A pedra e a árvore  
Continuam a existir  
Quando não há ninguém no pátio?

E a resposta:

A pedra e a árvore  
Continuam a existir,  
Tal como observadas pelo sinceramente seu...

O fato é que um objeto externo não tem existência para vocês ou para mim exceto na medida em que vocês ou eu o alucinamos, mas sendo são, tomamos o cuidado de não alucinar, exceto quando sabemos o que ver. Naturalmente, quando estamos cansados ou há penumbra, podemos cometer alguns equívocos. O bebê com um objeto transicional acha-se, em minha opinião, todo o tempo neste estado em que lhe permitimos ficar e, embora seja louco, não o chamamos de loucura. Se o bebê pudesse falar, sua reivindicação seria: "Este objeto faz parte da realidade externa e eu o criei". Se vocês ou eu disséssemos isso, seríamos trancados a chave ou, talvez, leucotomizados. Isto nos dá um significado para a palavra *onipotência* do qual realmente precisamos, porque, quando falamos a respeito da onipotência da primeira infância, não queremos dizer apenas onipotência de pensamento; pretendemos indicar que o bebê acredita em uma onipotência que se estende a certos objetos e, talvez, estenda-se para abranger a mãe e algumas outras pessoas no meio ambiente imediato. Uma das transições é do controle onipotente dos objetos externos para o abandono do controle e, finalmente, para o reconhecimento de que existem fenômenos que se acham fora de nosso próprio controle pessoal. O objeto transicional que faz parte tanto do bebê quanto da mãe adquire uma nova condição a que damos o nome de *posse*.

Há outras transições que acredito acharem-se em processo durante o período de tempo em que o bebê utiliza objetos transicionais. Exemplificando, há aquela que pertence aos poderes em desenvolvimento do bebê, ao desenvolvimento da coordenação e ao gradual enriquecimento da sensibilidade. O sentido do olfato acha-se em seu auge e, provavelmente, nunca mais será tão elevado assim, exceto, talvez, durante episódios psicóticos. A textura significa mais do que poderá jamais significar, bem como a secura e a umidade, e também o que se sente como frio e o que se sente como morno; todas estas coisas possuem um significado tremendo.

Juntamente com isto, é necessário mencionar a extrema sensibilidade dos lábios

2. M. P. Middlemore, *The Nursing Couple* (London, Hamish Hamilton, 1941).

\* Espécie de verso de cinco linhas com a rima na 1ª, 2ª e 5ª linhas e na 3ª e 4ª. (N. do R.)

infantis e, sem dúvida, do sentido do gosto. A palavra "repugnante" ainda não veio a significar nada para o bebê e, no começo, ele nem mesmo se tornou interessado pelas excreções. A baba que caracteriza a primeira infância cobre o objeto e faz-nos lembrar do leão em sua jaula no zoológico, que quase parece amolecer o osso com saliva antes de acabar por dar-lhe fim mordendo-o e comendo-o. É fácil imaginar o leão com ternos sentimentos de carinho em relação ao osso que será logo destruído. Dessa maneira, nos fenômenos transicionais, vemos o início da capacidade de sentimentos afetuosos, com o relacionamento instintual direto mergulhando na repressão primária.

Desta maneira, podemos ver que o uso que um bebê faz de um objeto pode ser de uma maneira ou outra unido ao funcionamento corporal, e, em verdade, não se pode imaginar que um objeto possa ter significado para um bebê, a menos que assim se ache unido. Esta é outra maneira de enunciar que o ego se baseia em um ego corporal.

Forneci alguns exemplos apenas para lembrá-los de todos os tipos de possibilidades que existem e que são ilustrados no caso de seus próprios filhos, assim como no das crianças que são suas clientes. Às vezes, encontramos a mãe sendo usada como se ela própria fosse um objeto transicional, e isto pode persistir e dar origem a grandes problemas. Exemplificando, um paciente com quem tive de lidar recentemente usava o lóbulo da orelha da mãe. Adivinharão que, nestes casos em que a mãe é usada, existe quase certamente algo nela — uma necessidade inconsciente do filho ou filha — em cujo padrão a criança está se encaixando.

Temos também o uso do polegar ou dos dedos, que pode persistir, e pode haver ou não o acariciar afetoso de alguma parte do rosto ou de alguma parte da mãe, ou, ainda, de um objeto, tudo a ocorrer ao mesmo tempo. Em alguns casos, o acariciamento continua e perde-se de vista o sugar do polegar ou dedo. Então, com frequência acontece que um bebê que não utilizou a mão ou o polegar para gratificação autoerótica, apesar disso pode usar um objeto de um ou outro tipo. Quando um objeto é empregado, geralmente se descobre uma ampliação do interesse, de maneira que, em breve, outros objetos se tornam importantes. Por uma razão ou outra, as meninas tendem a persistir com objetos macios até utilizarem bonecas e os meninos tendem a passar mais rapidamente para uma adoção de objetos duros. Poder-se-ia talvez dizer melhor que o menino que existe nas crianças de ambos os sexos passa para os objetos duros, e que a menina que existe nas crianças de ambos os sexos tende a manter o interesse na suavidade e na textura, e isto pode acabar por juntar-se à identificação materna. Com frequência, quando há um objeto transicional nítido que data dos primeiros tempos ele persiste, embora, na realidade, a criança esteja mais empregada em utilizar os objetos seguintes e menos importantes; talvez em épocas de grande aflição, tristeza ou privação haja um retorno ao original ou ao polegar ou a uma perda completa da capacidade de utilizar símbolos e substitutos.

Deixarei isto por aqui. Há uma variedade infinita nos quadros clínicos e tudo de que podemos falar a respeito, com utilidade, é das implicações teóricas.

## A Passagem do Objeto Transicional

Há duas abordagens para este assunto:

A. Os velhos soldados nunca morrem; apenas se desvanecem. O objeto transicional tende a ser relegado ao limbo das coisas semi-esquecidas no fundo das gavetas da cômoda ou na parte de trás do armário de brinquedos. É costumeiro, contudo, que a criança saiba. Exemplificando, um menino que esqueceu o seu objeto transicional tem uma fase de regressão que segue-se a uma privação. Ele retorna ao seu objeto transicional e, então, dá-se um retorno gradual às outras possessões posteriormente adquiridas. Dessa maneira, o objeto transicional pode ser:

- I. suplantado mas mantido;
- II. gasto;
- III. dado a outrem (não satisfatório);
- IV. guardado pela mãe, como relíquia de um tempo precioso na vida dela (identificação);
- V. etc.

Isto se refere ao destino do objeto em si.

B. Chego agora ao ponto principal que quero apresentar para debater. Não se trata de uma idéia nova, embora acreditei que o fosse quando a descrevi em meu artigo original. (Temo, agora que chego a ela, que a achem óbvia demais, a menos que, naturalmente, dela discordem.)

Se for verdade que o objeto transicional e os fenômenos transicionais encontram-se na própria base do simbolismo, acho então que podemos com justiça reivindicar que esses fenômenos assinalam a origem, na vida do bebê e da criança, de uma espécie de terceira área da existência, uma terceira área que acho que tem sido difícil de encaixar na teoria psicanalítica, que teve de ser erigida gradualmente, de acordo com o método pedra-por-pedra de uma ciência.

Esta terceira área poderia revelar ser a vida cultural do indivíduo.

O que são as três áreas? Uma, a fundamental, é a realidade psíquica ou interna individual, o inconsciente, se quiserem (não o inconsciente reprimido, que começa muito cedo, mas definitivamente, mais tarde). A realidade psíquica pessoal é aquela da qual o indivíduo *alucina*, ou *cria*, ou *imagina*, ou *concebe*. É dela que os sonhos são feitos, ainda que se vistam de materiais coletados na realidade externa.

A segunda área é a realidade externa, o mundo que é gradualmente reconhecido como NÃO-EU pelo bebê sadio em desenvolvimento que estabeleceu um *self*, com uma membrana limitadora, um interior e um exterior, o universo em expansão do qual o homem se contrai, por assim dizer.

Ora, os bebês, as crianças e os adultos recebem em si a realidade externa, como uma veste para os seus sonhos, e projetam-se em objetos e pessoas externas e enriquecem a realidade externa através de suas percepções imaginativas.

Mas eu acho que realmente encontramos uma terceira área, uma área do viver que corresponde aos fenômenos transicionais do bebê e, na realidade, deles deriva. Na medida em que o bebê alcançou os fenômenos transicionais, penso que a aceitação de símbolos é deficiente e a vida cultural, marcada pela pobreza.

Não há dúvida de que percebem com facilidade o que quero dizer. Colocando-o de modo bastante grosseiro: vamos a um concerto e ouvimos um dos últimos quartetos de corda de Beethoven (estão notando que sou intelectual). Esse quarteto não é apenas um fato externo produzido por Beethoven e tocado pelos músicos, e não é um sonho meu, que, em realidade, não teria sido tão bom. A experiência, acoplada à preparação que eu mesmo fiz para ela, capacita-me a criar um fato glorioso. Eu o desfruto porque digo que o criei, alucinei-o, e é real e teria estado lá houvesse eu ou não sido concebido.

Isto é louco. Em nossa vida cultural, porém, aceitamos a loucura, exatamente como aceitamos a loucura do bebê que alega (ainda que em murmúrios não-compreensíveis) "Eu alucinei isso e faz parte da mãe que se achava lá antes de eu aparecer".

Disto, verão porque acho que o objeto transicional é essencialmente diferente do objeto interno da terminologia de Melanie Klein. O objeto interno é uma questão da realidade interna, que se torna crescentemente complexo a cada momento da vida do bebê. O objeto transicional é, para nós, um pouco um cobertor, mas para o bebê, é um representante tanto do seio da mãe, digamos, quanto do seio internalizado dela.

Observem a seqüência que se dá quando a mãe acha-se ausente. O bebê aferra-se ao objeto transicional. Após um certo período de tempo, a mãe internalizada se

desvanece e, então, o objeto transicional deixa de significar alguma coisa. Em outras palavras, o objeto de transição é simbólico do objeto interno que é mantido vivo pela presença viva da mãe.

Da mesma maneira, talvez, um adulto pode sentir luto por alguém e, no decurso do luto, deixar de desfrutar interesses culturais; a recuperação do luto se faz acompanhar por um retorno de todos os interesses intermediários (inclusive as experiências religiosas) que enriquecem a vida do indivíduo na saúde.

Desta maneira, sinto que os fenômenos transicionais não passam, pelo menos não na saúde. Eles podem se tornar uma arte perdida, mas isto faz parte de uma doença no paciente, uma depressão, e algo equivalente à reação à privação na primeira infância, quando o objeto transicional e os fenômenos transicionais são temporariamente (ou, às vezes, permanentemente) sem sentido ou inexistentes.

Gostaria muitíssimo de escutar as reações de vocês a esta idéia de uma terceira área de experiência, de sua relação com a vida cultural e da derivação, por ela sugerida, dos fenômenos transicionais da primeira infância.